

GT63: Pesquisas sociais no mundo dos psicoativos

Roca Alencar, Regina de Paula Medeiros

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-teóricos-éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

"Vou abrir minha Jurema": Vivências Terapêuticas em Sergipe

Autoria: Aparecida Santana de Jesus

Este trabalho tem como tema central o uso da Jurema em contextos terapêuticos. Com este trabalho, busquei compreender as práticas e sentidos associados ao uso da Jurema no contexto dos rituais neoxamânicos urbanos, tomando como referência um espaço terapêutico localizado em Sergipe. Para isso, realizei a pesquisa no período de 2019 a 2021, utilizando diversas estratégias metodológicas. Em um primeiro momento, fiz trabalho de campo, observação participante, e tive a oportunidade de estabelecer diálogo direto com alguns interlocutores. Para isso, utilizei também parte de minhas experiências enquanto participante deste universo e das redes de contato que estabeleci ao longo de minha própria caminhada, bem como interações. No início de 2020, no entanto, em razão das medidas preconizadas pelas autoridades sanitárias para distanciamento social frente à Pandemia da Covid19, passei a realizar a pesquisa utilizando o meio virtual. Com isto, realizei entrevistas de forma on-line com alguns informantes chave, participei do grupo de WhatsApp dos integrantes, acompanhei lives, vídeos e outras atividades ligadas ao centro terapêutico. Percebi que o elo central dessas vivências terapêuticas gira em torno da Jurema. Os integrantes buscam superar as atribulações diárias da vida por meio do uso desta planta de poder. Para eles, a Jurema parece trazer clareza e entendimento para o que cada um necessita, mas também mostra o que se precisa melhorar, resolver.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

